SINTCAST 03 - A questão racial estadunidense e brasileira, o racismo estrutural e práticas antirracistas

(Lorena) Olá, pessoal, tudo bom com vocês? Eu sou Lorena Martins, jornalista do SINTET-UFU e está começando mais um SINTCAST. Nesse episódio a gente vai falar de um assunto que durante as últimas semanas fez com as que pessoas tomassem as ruas em várias partes do mundo em protesto, em plena pandemia. A nossa pauta hoje é o racismo. Pra apresentar o SINTCAST comigo eu convido a Raissa Dantas e o Alexandre Igrecias.

(Raissa) Olá, pessoal. Oi Lorena. Meu nome é Raissa Dantas e eu tô nesse SINTCAST com vocês. “Black lives matter”, traduzido para o português “vidas negras importam” foi um dos assuntos mais falados no Twitter, ocupando os assuntos mais comentários por dias, além da repercussão em outras redes sociais. Mas como a gente vai ver, os protestos não ficaram apenas no campo virtual. Convido o Alexandre Igrecias pra se juntar à gente.

(Alê) Oi Lorena, Oi Raissa. E oi pra você que está nos ouvindo também. Eu sou Alexandre Igrecias, assessor de política sindical do SINTET-UFU. Bom, pra contextualizar os protestos antirracistas pelo mundo, voltamos ao dia 25 de maio, data em que George Floyd, um homem negro de 46 anos, foi assassinado pelo policial Dereck Chauvin, durante uma abordagem em Minneapolis, cidade do estado de Minnesota, Estados Unidos. Um vídeo do homicídio foi divulgado, nas imagens o policial asfixia Floyd com o joelho, enquanto ele diz repetidas vezes que não conseguia respirar.

(Lorena) A brutalidade mostrada pelo vídeo e o simbolismo de um homem negro, desarmado, tendo o pescoço esmagado pelo joelho de um policial por quase 9 minutos, causou revolta e fez com que as pessoas quebrassem o isolamento social para irem às ruas. Os protestos tiveram início na cidade onde ocorreu o assassinato, mas logo se espalharam pelo país e pelo mundo.

(Raissa) O racismo e a violência policial que resultaram na morte de George Floyd infelizmente não são fatos isolados. Um levantamento colaborativo realizado pelo jornal britânico The Guardian, mostra 1.093 mortes de civis pelas mãos de policiais no ano de 2019 nos Estados Unidos. Mas é importante considerar que apenas o número de mortes, não representa um retrato fiel da violência policial ou do racismo estrutural que violenta a população negra.

(Alê) No Brasil, as estatísticas assustam mais. As pesquisas mais recentes sobre mortes por policiais no Brasil destacam uma letalidade 5 vezes maior que a estadunidense. A partir de dados do Monitor da Violência, mantido pelo portal G1 em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, descobrimos que pelo menos 5.804 pessoas foram mortas por policiais em 2019. O Anuário da Violência, que agrupa e analisa dados de registros policiais sobre criminalidade, o sistema prisional e os gastos com segurança pública, apresentou um levantamento que indica que 75,4% das vítimas pelas polícias brasileiras são pessoas negras.

(Lorena) O Rio de Janeiro se destaca nas estatísticas de letalidade policial: foram 1.810 mortes em 2019, correspondente a 31% do total. Recentemente o jovem João Pedro Mattos, de 14 anos, perdeu a vida

durante uma ação da polícia no Morro do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro.

(Raissa) Nesse SINTCAST vamos conversar sobre a questão racial estadunidense e brasileira, o racismo estrutural e práticas antirracistas com João Gabriel do Nascimento Nganga. Ele é doutor em história pela UFU e foi pesquisador visitante entre 2017 e 2018 no Centro Interdisciplinar para o Estudo da Mudança Global da Universidade de Minnesota, em Minneapolis, Estados Unidos. João Gabriel participou do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento e também é pesquisador associado do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia o NEAB.

(Alê) Seja bem-vindo ao SINTCAST, João Gabriel, a gente agradece muito sua participação.

(João Gabriel) Bom dia, bom dia a todos e a todas, muito obrigado pelo convite. É um prazer participar dessa iniciativa.

(Alê) Gostaria de começar essa conversa pedindo pra que você conte pra gente um pouco sobre como foi sua experiência em Minneapolis, partindo da perspectiva de um homem negro, estrangeiro e estudante.

(João Gabriel) Bom, falar da minha experiência enquanto homem negro estrangeiro e estudante nos Estados Unidos, especificamente em Minneapolis, na Universidade de Minnesota, é bom e complicado ao mesmo tempo. Pois você parte para uma outra experiência, você parte para uma outra vivência, em outro país, com uma cultura que se assemelha, mas também se distancia muito da nossa aqui do Brasil. Já com uma bagagem

cultural, já com um repertório do que pode te esperar lá, todos sabemos que o racismo está presente no cotidiano dos Estados Unidos, assim como também se faz presente no cotidiano do Brasil, então a minha experiência em Minneapolis como homem negro, estrangeiro, estudante e latino-americano, em determinados momentos, para te dizer a verdade na maioria dos momentos, foi uma experiência muito boa. A Universidade de Minnesota, o centro de pesquisa que eu estive, me recebeu super bem, as pessoas com quem convivi dentro e fora da universidade têm uma reciprocidade à minha presença muito grande, muito intensa. Então nestes aspectos de recepção, eu não tenho o que reclamar. Nas classes, nas aulas e nas disciplinas que eu participei, também fui super bem recebido. Mas tem alguns detalhes, por exemplo: sempre que eu ia conversar com alguém dentro da Universidade ou até mesmo fora, em alguns ambientes, eles ficaram super felizes quando eu falava que era um brasileiro estudante de doutorado, que estava fazendo um intercâmbio, ficavam muito felizes, mas a segunda pergunta que eles faziam era: "até quando você vai ficar aqui?", "você vai embora quando?". Ou seja, dava para perceber que ficam felizes por estar lá estudando, por agregar essa cultura norte-americana estadunidense, a cultura imperialista, mas também ao mesmo tempo tem aquele lance "você vai voltar para o seu país, certo?" Porque um jovem negro terminando o doutorado é uma concorrência para aqueles que estão lá, é uma concorrência de alto nível para ocupar cargos altos dentro da sociedade estadunidense. Os Estados Unidos, a população, a impressão que eu tenho é a seguinte: eles não são contra a imigração, mesmo a imigração ilegal, eles são contra a migração de pessoas capacitadas para ocupar altos cargos na sociedade estadunidense. Se fosse para ocupar cargos subalternos, como por exemplo, trabalhar na faxina de uma universidade, trabalhar em uma loja de fast-food, aí sim eles são a favor da imigração, mas da imigração do cérebro, como eles dizem, a percepção que eu tenho é

que eles não são tão a favor sim. Um outro detalhe da minha experiência, da minha vivência no cotidiano, enquanto homem negro naquele espaço dentro da universidade: era perceptível, em determinados momentos, alguns olhares racistas, porque em um primeiro momento, as pessoas me viam como um negro norte-americano, a partir do momento que eu falo, aí eles percebem que eu sou um estrangeiro e, pelo sotaque, um negro latino-americano. Então vai ter este duplo preconceito, este duplo racismo, homem negro e depois latino-americano. Em alguns momentos, eles me confundiam também como árabe, em determinados contextos, mas era um pouco mais raro isso. Então essa é um pouco da minha experiência enquanto homem negro, estrangeiro e estudante em Minneapolis. No contexto universitário, principalmente dentro do centro de pesquisa que eu estive, eles ficavam muito curiosos para saber como era a vivência da população negra no Brasil, principalmente porque nós, negros no Brasil, somos mais de 50% e em determinadas lutas ainda nós estamos engatinhando, em comparação com as escolas Estados Unidos, mas eu explicava que a dinâmica de escravização e a dinâmica de abolição de emergência dos estudos para a população negra é bem diferente em determinadas situações, podemos falar que há um abismo, pois já no século XIX, havia universidades para negros nos Estados Unidos, o que não houve no Brasil, apenas para dar um exemplo.

(Lorena) João, e durante sua passagem pela cidade onde viveu George Floyd, como foi seu contato com a população negra local?

(João Gabriel) Neste período que eu estive em Minneapolis, o meu contato com a população negra local, principalmente da cidade de Minneapolis, não foi tão intenso quanto eu gostaria que fosse. Eu fiquei muito tempo me dedicando aos estudos do meu doutorado sanduíche, da minha pesquisa,

mas eu tive contato sim, principalmente com estudantes negros da Universidade de Minnesota. Como eu pesquiso cinema negro do Brasil e cinema negro nos Estados Unidos, eu também tive contato com alguns produtores de cinema negro local, por meio do festival de cinema negro de Minneapolis e Saint Paul, que são cidades irmãs, cidades próximas, então o contato que eu tive com a comunidade negra local foi basicamente nesse sentido, dentro da universidade, em alguns eventos, movimentos fora, por meio da minha pesquisa. E também tive contato com moradores, com a comunidade negra de Chicago, que é algo bem interessante, pois tanto em Chicago, quanto em Minneapolis, é possível você perceber negros ricos, negros com posições de trabalho reconhecidas, de prestígio, como uma elite negra, o que nós não temos muito costume de presenciar no Brasil. Mas falando da comunidade negra de Minneapolis, por meio de alguns estudantes negros que conhecemos no cotidiano da Universidade de Minnesota, e conversando com esses estudantes foi possível também compreender um pouco de como era, ou melhor dizendo, como é a dinâmica de sociabilidade entre negros e negros e entre negros e brancos no estado de Minnesota, principalmente em Minneapolis. Por meio de um estudante negro na universidade, Jeremiah, nós também participamos de um culto numa igreja batista na cidade de Minneapolis, que foi bem interessante. Uma igreja em que 99% de seus frequentadores são negros. Então foi uma experiência muito intensa, uma troca de ideias, uma troca de conhecimentos, de vivências entre Brasil e Estados Unidos. Foi muito importante e muito bom isso também. Tivemos contato por meio de uma colega estudante, que eu não me recordo o nome agora, com estudantes negros do ensino médio de uma escola de um bairro tipicamente negro de Minneapolis, e perceber o quão engajado, quão articulados eram esses estudantes adolescentes e jovens, a respeito da temática étnico racial nos Estados Unidos, não me assusta ou não me surpreende os movimentos

antirracistas que ganharam ebulição a partir do assassinato de George Floyd. Pois esses estudantes que eu tive contato, já tinham no ensino médio uma disciplina sobre diáspora africana e, nessa disciplina, sobre diáspora africana, eles liam teóricos que muitos estudantes passam a faculdade sem ler, sem conhecer. Então quando se tem muitos jovens negros nos movimentos antirracistas, a partir do assassinato de George Floyd, não me surpreendi, pois se tem uma base, se tem uma educação para que haja essas manifestações, para que haja essas reivindicações.

(Raissa) Partindo da suas observações e experiências durante seu período em Minnesota, como se dão os tensionamentos e conflitos raciais lá?

(João Gabriel) No que se refere aos tensionamentos e conflitos raciais no cotidiano dos Estados Unidos, eu falo especificamente de Minnesota, Minneapolis, onde estive, e de algumas outras localidades onde eu pude ir, como Chicago, Nova York e Boston, existe uma tensão racial, isso não há dúvida. Existe uma um tensionamento, seja no cotidiano da sala de aula, seja no cotidiano do campo, no cotidiano das cidades, pois o racismo, por mais que as leis segregacionistas tenham acabado há mais de 50 anos, ainda se há este pensamento. Para termos uma ideia disso, se pegarmos várias cidades dos Estados Unidos e verificarmos geograficamente, onde estão os negros, onde estão os brancos, ainda se terão os bairros dos negros, os bairros dos brancos, os bairros dos imigrantes latinos, os bairros dos imigrantes do continente africano. Então, por isso também há uma tensão no ar. Era muito perceptível em alguns momentos, em algumas ocasiões, pessoas brancas meio que tendo comportamentos, ações, gestos que demonstravam o medo, um respeito e também um, não sei te dizer se apavoramento, ou também uma surpresa por ter corpos negros em espaços que, a princípio, eram espaços ocupados por brancos. Então a partir do

momento, conversando com várias pessoas brancas que eu falava que eu fazia doutorado no Brasil, que estava fazendo um período de doutorado nos Estados Unidos, algumas perguntas, não a primeira, talvez a segunda, terceira, era: “como você conseguiu?” Então, partindo daquela ideia ainda de que nós negros não podemos estar nesses espaços, que são espaços de privilégio, que são espaços de conhecimento; e a partir do momento que você tem este conhecimento, você pode ajudar outros negros e negras a chegar neste momento, a chegar neste espaço. Então são alguns exemplos de tensões raciais. Em relação a isso, um outro exemplo nítido também que presenciávamos, era em uma das Avenidas principais de Minneapolis, onde jovens negros, em sua maioria, ficavam se divertindo, conversando em frente à biblioteca, em frente à estação de metrô, a polícia sempre estava ali presente, a polícia sempre estava fazendo a chamada ronda. Em determinados momentos eram o policiais negros que iam fazer abordagem desses jovens, ou seja se a instituição polícia já envia um policial negro para fazer abordagem desse jovem, é porque já parte do pressuposto que caso enviem um policial branco, algo de muito errado pode acontecer. E o assassinato de George Floyd mostra isso. E é importante lembrar que o assassinato deste homem negro de 46 anos não é um fato isolado, não é um caso que acontece uma vez ou outra. Tem um dado da Universidade de Flórida, caso eu não esteja enganado, que a cada 40 horas nos Estados Unidos, um homem negro é assassinado; e como já foi mencionado anteriormente, aqui no Brasil este dado é tão ruim, tão assustador, quanto nos Estados Unidos. Na minha opinião, é bem mais assustador, pois a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado. Então é possível, no seu andar pelas ruas, no seu estar no campus universitário, perceber este tensionamento racial.

(Alê) Então a gente pode perceber convergências com a realidade do racismo brasileiro. Num olhar mais amplo sobre o tema, você poderia traçar paralelos entre a questão racial estadunidense e a luta antirracista brasileira?

(João Gabriel) Sobre paralelos entre a questão racial estadunidense e a questão racial aqui no Brasil, também a partir da luta antirracista, é muito comum olharmos para os Estados Unidos, principalmente nessa luta antirracista, por alguns motivos: um deles é porque essa luta antirracista, seja no século XVIII, século XIX, século XX, agora com o assassinato de George Floyd estampando capas de revistas, jornais e também virarem produções de Hollywood, filmes, a exemplo de Panteras Negras, Martin Luther King e Malcom X, ou algumas revoltas negras do século XIX. No Brasil, isso não acontece muito ainda, mas com a emergência de um cinema negro aqui no Brasil, isso tem mudado, essas revoltas negras a partir do século XIX, principalmente, e a presença o ativismo negro no Brasil, tem ganhado os curtas metragens e longas. Em determinado momento, há também as telas dos cinemas, então falar da luta antirracista brasileira fazendo um paralelo com a questão racial nos Estados Unidos é complicado e ao mesmo tempo fácil, mas primeiro nós temos que entender o seguinte: o racismo no Brasil é um racismo de marca, ou seja, fenótipo, quanto mais preto você for no Brasil, mais racismo você vai sofrer. Nos Estados Unidos é a partir do genótipo, ou seja, se você tem uma gota de sangue negro, você é considerado negro nos Estados Unidos, então se sua vó, bisavó, tataravó for da cor negra, você é negro nos Estados Unidos. Você pode ter a pele clara, mas a partir do momento que a sociedade dos Estados Unidos descobre, conhece, reconhece a sua vó, bisavó, pai ou mãe como negro, você é enquadrado como negro nos Estados Unidos. Mas aqui eu faço um parênteses, porque o tema, o debate sobre o colorismo que no

Brasil já existe, nos Estados Unidos também já existe, mas este debate sobre o colorismo nos Estados Unidos está ganhando força nos últimos anos, ele está ganhando mais atenção nos últimos tempos. Mas é perceptível ao longo da história da escravidão nos Estados Unidos que o racismo era muito mais incidente sobre os escravizados de pele preta, e os que tinham a tonalidade da pele um pouco mais clara, tinham algumas facilidades durante a escravização. São o que eu estou querendo dizer com facilidade que é diferente de privilégio, então por exemplo: um preto muito mais retinto do que um outro, ele ia para lavoura do algodão, esse com a pele um pouco mais clara vai fazer serviços domésticos, serviços considerados um pouco menos difíceis de serem realizados. Isso acontecia também no Brasil, um outro exemplo a partir deste paralelo, para além do debate sobre o colorismo, nessa questão da luta antirracista: nós olhamos muito para o movimento de Martin Luther King, a Luta pelos direitos civis, o movimento dos panteras negras, Malcom X e esquecemos de olhar para o Brasil na década de 1920, 1930. O Brasil teve um movimento antirracista intitulado frente negra brasileira, que contou com mais de 200 mil associados pelo Brasil todo, sendo a maioria destes associados mulheres negras. E o que a frente negra brasileira fazia? Ela estava preocupada com a questão política, de inserir negros na luta racista por meio da política, por meio dos estudos, tanto que era oferecido o curso de alfabetização para negros e negras adultos, também cursos profissionalizante, para que esses homens e mulheres negros tivessem um posto de trabalho com melhor salário. Nas cidades também tinha a questão do lazer, promovia salões, promovia festas para arrecadar dinheiro para desenvolver as suas ações. E por quê eu estou falando da frente negra brasileira na década de 20? Na década de 30? Porque em jornais dos panteras negras, o pesquisador Amilcar Cabral conseguiu encontrar menção a essa frente negra brasileira, ou seja, o movimento dos panteras negras dos Estados Unidos conhecia

ações, conhecia a repercussão das atividades da frente negra brasileira, então podemos dizer que havia conexões entre esses movimentos. Eu estou falando de conexões diretas, de trocas de informações, trocas de ideias, até porque tem um espaço temporal entre o movimento e outro, mas eu estou falando que a frente negra brasileira em um determinado momento, em uma determinada ocasião, para uma determinada luta, pode ter servido de influência para as atitudes do movimento dos panteras negras e não há como negar que Malcom X, Martin Luther King e o próprio movimento dos panteras negras inspira a juventude negra brasileira, inspirou também movimentos culturais na década de 60 na década de 70, como os bailes blacks do Rio de Janeiro ou posteriormente, nos Estados Unidos, a questão da música também vai influenciar a música preta brasileira aqui, com Tony Tornado, com Tim Maia, com Jorge Ben Jor, posteriormente com o rap, por meio do Racionais por exemplo. Então falar da luta antirracista brasileira, sim podemos falar que tem uma inspiração nos movimentos antirracistas e na questão racial, nos Estados Unidos, até porque muitos de nós ainda temos a falsa ilusão de que apenas nos Estados Unidos houve uma segregação racial institucionalizada. Porque muitos de nós não sabemos que no Brasil tiveram leis que proibiam negros de frequentarem as escolas, como a Constituição de 1824 ou que o código penal de 1890 proíbe a prática de capoeira ou também o código de penal de 1890, que permite prender, levar para cadeia, pessoas que praticassem as religiões de matriz africana, como por exemplo o Candomblé. Então nessa luta antirracista brasileira é importante salientar que não começou há dez anos atrás, não começou com a abertura democrática do país no final da década de 80, é importante lembrar que a luta de classes esteve presente na ditadura militar, é importante lembrar e demarcar o espaço da luta antirracista no movimento contra o golpe que a presidenta Dilma levou e, mais ainda, é importante lembrar que a luta antirracista é diferente da luta

antifascista, pois há muitos que são antifascistas, mas que no dia a dia continuam sendo racistas, por mais complexo e difícil de entender que seja isso. Então eu fico me perguntando se esse movimento antirracista das redes sociais, as pessoas seguem e postam fotos, frases, apenas para não ficarem constrangidos perante os amigos ou se realmente são pessoas antirracistas. E uma reflexão que eu deixo para os nossos ouvintes é: Por que você se intitula antifascista, se você continua sendo um racista?

(Raissa) João eu gostaria de entrar um pouco na questão do racismo estrutural, gostaria de pedir que você pudesse definir pro nosso ouvinte o que é o racismo estrutural e como ele tá presente no cotidiano.

(João Gabriel) O racismo no Brasil, ele é um racismo estrutural, ou seja, ele permeia todas as instituições e todos os níveis de sociabilidade na sociedade brasileira. Mas antes de falar sobre o racismo estrutural, eu quero trazer o teórico Fanon, quando ele argumenta que o racismo é uma chaga da humanidade, mas é preciso que não nos contentamos com essa frase, é preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sua sociabilidade, ou seja, é importante ter conhecimento, é importante ter ciência de que uma prática racista não é apenas quando o sujeito negro, quando o homem, a mulher e a criança negra é xingada no cotidiano da sociedade. É importante ter ciência de que as práticas racistas estão em todos os níveis de sociabilidade. E o que é o racismo estrutural? Segundo Sílvio de Almeida, o racismo estrutural ele fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea, ou seja, este tipo de racismo ele está nos emitindo as formas que vamos agir em sociedade, a lógica e a tecnologia para a desigualdade e a violência que moldam a vida social contemporânea. É possível também fazer um debate sobre este racismo

estrutural com a necropolítica. Mas isso é um assunto para uma outra live, apenas de forma sucinta: a necropolítica define quem vive quem morre, a violência policial nos mostra isso, a violência no sistema de saúde nos mostra isso, pois é importante lembrar que este movimento que estamos vivendo, acontecendo nos Estados Unidos e no Brasil, está acontecendo em plena pandemia do COVID-19, então este racismo estrutural, essa necropolítica, atua também nesta pandemia do COVID-19, pois a partir do momento que já é possível por meio de números afirmar que a pandemia atinge em maior nível uma população negra, está desamparada, esquecida pelo estado brasileiro. É uma ação do racismo estrutural, é uma ação dessa necropolítica, pois o racismo estrutural, ele age seja da pequena estrutura da micro ou da macro. Eu posso dar exemplos do cotidiano escolar: no macro as escolas não faz valer a lei 10.639 que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, no micro dentro da escola o professor permite as ações racistas, pois ele vai com a justificativa de que a é brincadeira, é só uma piada. Levando para o macro, também quando o Ministério da Educação, o Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, fecha os olhos para o que está acontecendo nos remanescentes de quilombos, com os quilombolas que a pandemia está chegando e o sistema de saúde não está chegando lá para tentar barrar a morte destas pessoas negras destes quilombolas. E o que está acontecendo também nas reservas indígenas, então quando falamos no racismo estrutural, nós temos que partir do pressuposto que o racismo que fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea, como aponta Almeida no seu livro racismo estrutural, é importante pensar também nos níveis de sociabilidade das formas que este racismo opera, na forma que o racismo estrutural nos faz agir, nos faz sentir, nos faz pensar, pois eu sempre costumo dizer que o racismo ele mata no mínimo duas vezes o sujeito

negro: ele mata primeiro o psíquico e depois o corpo físico, quando não mata os dois ao mesmo tempo, por meio da violência do estado. Pois quando falamos também na violência policial que oriunda, que deriva do racismo de estado, do racismo estrutural, temos que lembrar que estamos falando da instituição, e não do policial. Do mesmo modo quando o professor se ausenta de um debate sobre o racismo no seu cotidiano, de suas atividades seja dentro ou fora de sala de aula, não é apenas o professor que está se ausentando, é a instituição escola que está em silêncio perante o que está acontecendo. O racismo estrutural, ele também age no mercado de trabalho, nas grandes empresas nas instituições públicas, pois um exemplo para refletirmos para os nossos ouvintes: qual é a ação das universidades públicas brasileiras contra as fraudes nas cotas raciais? Quais são as ações das universidades públicas brasileiras para manter estudantes negros de baixa renda, que adentraram pela reserva de vagas para negros e negros, à chamadas cotas raciais? E aqui eu lanço um desafio: eu gostaria muito de saber qual universidade pública brasileira amigo Federal tem uma política de enfrentamento ao racismo no seu cotidiano universitário qual universidade tem essa política de enfrentamento. Mas eu não estou falando uma política isolada de algum núcleo de estudos, de alguma diretoria, de algum departamento; eu estou falando de uma política de enfrentamento ao racismo que foi elaborada pelo conselho universitário, que foi aprovada pelo conselho Universitário e que é aplicada em seu cotidiano. Fica essa questão para nós refletirmos, pois o racismo estrutural também está operando aí.

(Alê) E a gente gostaria de entrar em algo bem complexo e que sabemos que poderia virar um programa específico, mas que achamos importante também te perguntar, aproveitando sua presença no programa. Como você

avalia ou apontaria possibilidades de promover um desmonte do racismo no Estado e nas instituições ligadas ao Estado?

(João Gabriel) Realmente, falar sobre possibilidades de promoção de um desmonte do racismo nas instituições ligadas ao estado é assunto para um, dois, três podcasts. Bom, tentarei falar alguns caminhos que eu visualizo, alguns caminhos que eu percorro e algumas utopias, também. Na minha opinião, se passa pela educação a implementação de fato da lei 10.639 de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, seja da pré-escola aos cursos de graduação e pós-graduação, é uma possibilidade, pois por meio disso você estará fortalecendo a identidade de crianças adolescentes, jovens e adultos negros, você estará desmistificando que o continente africano é apenas pobreza, de que o continente africano é apenas doenças e misérias. Por meio desta lei, você estará possibilitando que crianças e jovens conheçam de fato uma história digna da população negra no Brasil, você estará colocando no centro do debate questões importantes de serem discutidas, como racismo e antirracismo, a branquitude, pois para além de falar da questão do racismo, é interessante e importante, necessário e urgente se falar sobre a branquitude no Brasil. Como que essa brancura, essa branquitude, esse branqueamento contribui para que nós, negros, continuemos à margem da sociedade. E quando eu falo margem da sociedade, não estou falando apenas no modo geográfico, eu estou falando também a partir da episteme da intelectualidade, foi isso por meio da lei 10309, quando implementada com seriedade, novas epistemes vão surgir, como por exemplo intelectuais negros que contribuem para uma construção intelectual antirracista serão lidos nas universidades, exemplo de Frantz, Fanon, Lélia González, Beatriz Nascimento, ou seja, intelectuais que já tem as suas obras, os seus trabalhos conhecidos e reconhecidos fora do Brasil,

mas que ainda há uma resistência por parte das universidades, dos cursos, principalmente de humanas, a lerem esses teóricos. Então, por exemplo, quando estive nos Estados Unidos, na cidade do meu doutorado-sanduíche, eu tive muito mais contato com a Lélia González do que nos meus 57 anos de Universidade Federal de Uberlândia. Nós temos que pressionar o porquê disso, então este é um caminho. Um outro caminho é refundar a instituição polícia, sim é necessário fazer um debate do porquê da existência da polícia no Brasil, principalmente a polícia militar. Sabemos que hoje o fim da Polícia Militar é algo muito longe, algo distante, é algo difícil de se acontecer, então enquanto a não existência, o desmonte aconteça. É importante se trabalhar com essa temática dos Direitos Humanos, mas principalmente com a questão do racismo, de como que o racismo opera nas abordagens policiais, como o racismo opera na formação desses policiais, pois a instituição polícia continua considerando os nossos corpos negros, principalmente do homem negro, como suspeito padrão, como um alvo, como aquele que merece ser baleado para depois verificar se era inocente ou não. E até que ponto esse debate se é inocente ou não também tem que ser feito no cotidiano? Pois o que eu quero dizer com isso: todos merecem viver independentemente do que façam. Então a partir do momento que a polícia, instituição polícia, chega já com a letalidade e suas munições ela já está determinando quem vai viver, quem vai morrer. Em uma outra atividade, uma live, que eu fiz semana passada, eu me referi a como a polícia adentra as favelas, elas adentram nessa favela já com as armas em mão atirando. A partir do momento que um policial atira sabendo que pode errar esse tiro, esse alvo, conscientemente ele sabe que o tiro dado por ele vai atingir alguém. O que eu quero dizer com isso é que: não existe bala perdida, existe bala com alvo certo. Em uma favela, a maioria da população é negra e mesmo que não fosse, a partir do momento que este policial atira para todo lado, sem uma consciência nítida, essa bala, esse

projétil, vai encontrar um corpo. E o que temos com isso? Temos João Pedro assassinado pelas costas, um adolescente negro no Rio de Janeiro; temos Ágata, uma criança negra assassinada pela polícia também no Rio de Janeiro e vários outros jovens negros, crianças negras que foram assassinados por meio de bala com o endereço certo, por meio do estado. O estado assassinou essas crianças, o estado assassinou esses jovens, o estado é culpado pela morte, pelo assassinato desses corpos negros, então fazer um desmonte da polícia, principalmente a polícia militar, fazer com que os novos soldados, novos policiais tenham cursos de formação dentro da temática étnico-racial, debatendo desde a história do continente africano à escravização no Brasil, o racismo, a branquitude, o processo de como que a polícia surgiu no Brasil, porque que ela surgiu, isso é importante, necessário, mas que seja feito algo com seriedade, não apenas algo para complementar a carga horária destes novos policiais. Uma outra possibilidade que eu vejo, outro caminho possível, é a manutenção das ações afirmativas, como por exemplo as chamadas cotas raciais nas universidades públicas. As cotas raciais nos concursos públicos e também se pensar em outras políticas de ações afirmativas, pois ainda temos uma maioria de médicos atuantes brancos, pois ainda temos uma maioria de docentes nas universidades públicas brancos, ainda se tem uma maioria nos meios de comunicação brancos, então quando falamos em ações afirmativas, temos que pensar também na questão do financiamento de ações culturais, seja no campo do teatro, da música, do cinema e produções para televisão brasileira, também temos que pensar em como vamos colocar no mercado de trabalho os egressos cotistas nas universidades públicas, pois o negro se forma, o estudante negro se forma com louvor em um curso de medicina, no curso de administração, curso de ciências contábeis, e ele vai para o mercado, o mercado de trabalho de uma empresa privada e sabemos do racismo estrutural no Brasil, então se a pessoa que

for recrutar, fazer o processo de seleção for racista, ou a instituição for racista, a possibilidade dele conseguir um emprego é mínima. Então temos que pensar em ações afirmativas no mercado de trabalho também, isso que eu estou falando são caminhos possíveis para um desmonte do racismo no estado e também nas instituições ligadas, ou não, ao estado. Falar sobre este tema no cotidiano, por meio de diversas iniciativas, inclusive deste podcast que eu já parabenizo.

(Lorena) E pras pessoas que gostariam de se aprofundar nessa e em outras questões com vias em aprofundar práticas antirracistas, você poderia sugerir ações, bibliografias, filmes ou outras questões pros ouvintes?

(João Gabriel) Gostaria de indicar dois livros, na verdade três. Do autor Franz Fanon. O primeiro é "Peles negras máscaras brancas"; o segundo é "Os Condenados da terra", nós poderemos perceber por meio deste autor uma teoria antirracista, uma teoria a respeito de como o racismo age nos diversos níveis de sociabilidade da sociedade. O terceiro livro, "O que é o racismo estrutural" de Sílvio Almeida. Também quero indicar dois filmes, na verdade três, também o primeiro é um longa-metragem dos Estados Unidos chamado "O Grande Desafio" do ator Denzel Washington, acredito que este filme está disponível na internet de forma gratuita. O segundo filme é Bróder, um filme nacional do cineasta negro Jefferson De. E o terceiro é um curta-metragem da cineasta Juliana Vicente, que se chama "Cores e botas". Nesses três filmes poderão ser apreendidos não apenas o racismo, mas a luta antirracista, a questão da branquitude e das construções identitárias do sujeito negro. Quero indicar o humorista Yuri Marçal, nas redes sociais, seja no Twitter ou no Instagram ou no YouTube, você conseguirá acessar o material deste comediante Yuri Marçal, que por meio do humor nos faz refletir sobre questões importantes do nosso cotidiano

brasileiro, a exemplo do racismo, da branquitude e outras mais. E por fim, quero sugerir o perfil do Instagram do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia, assim também como as ações deste núcleo dentro da Universidade Federal de Uberlândia, também na cidade de Uberlândia e Ituiutaba, Patos de Minas e Monte Carmelo, que são onde a Universidade Federal de Uberlândia UFU tem campus. São essas as indicações por hoje.

(Raissa) João, tem alguma questão que você gostaria de falar ou colocar nesse programa que não colocado?

(João Gabriel) Gostaria de finalizar minha sala ressaltando que sim, nós estamos vendo movimentos antirracistas nos Estados Unidos por causa da morte de um homem negro, George Floyd, 46 anos. É importante lembrar que este assassinato não é fato isolado nos Estados Unidos, é importante lembrar que nos Estados Unidos, da mesma forma que no Brasil, tem-se um racismo estrutural, mas é mais importante lembrar, ou melhor dizer, nunca se esquecer de que este racismo estrutural, ele está presente e atuante no Brasil, em nosso cotidiano, não há um dia sequer que este racismo estrutural não opera no Brasil, no tempo que nós estamos aqui conversando, infelizmente um jovem negro foi assassinado por causa do racismo estrutural. Pois como falado, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Então temos que lembrar que a luta antirracista ela é necessária não apenas em um dia ou em outro dia é uma luta constante, é necessário sempre estar.

(Alê) Fala livre de agradecimento ao João Gabriel.

(João Gabriel) Eu gostaria novamente de agradecer ao convite. Muito obrigado pela recepção, muito obrigado pela oportunidade de falar de um tema tão caro, tão importante para mim e para a sociedade brasileira. Agradeço imensamente a vocês que mediaram essa conversa, aos nossos ouvintes e gostaria de finalizar com uma frase do Malcom X, que diz o seguinte: "Não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor". Muito obrigado!

(Lorena) João Gabriel, a gente agradece muito a sua participação. Muito obrigada pelos relatos e principalmente pelas considerações. Debates sobre a questão racial, o racismo estrutural e sobre práticas antirracistas precisam cada vez mais ganharem espaço.

(Raissa) Agradecimento ao convidado.

(Alê) Depois dessa aula do João Gabriel, eu convido você a continuar nos acompanhando. Estamos disponíveis no Spotify, Anchor, Spotify, SoundCloud, Google Podcasts e CastBox.

(Lorena) Eu encerro aqui o nosso SINTCAST de hoje agradecendo mais uma vez a participação do João Gabriel e também aos meus colegas Alê e Raissa. Também quero pedir pra galera que tá ouvindo deixarem comentários, porque a interação de vocês é muito importante pra gente! Vocês também podem enviar e-mails para sintcast.sintetufu@gmail.com, que durante os próximos programas vamos fazer a leitura de alguns. Bom, então é isso me despeço: até breve, pessoal.

(Raissa) Este programa foi produzido com informações do Estadão, Revista Super Interessante, Alma Preta – Jornalismo Preto e Livre, além de áudios

dos canais do YouTube do Acervo Digital de Cultura Negra, o Cultne Acervo, Rede TVT e do Insight Editions.

(Alê) Roteiro: Lorena Martins e Raissa Dantas. Apresentação: Alexandre Igrecias, Lorena Martins e Raissa Dantas. Edição: Lorena Martins e Raissa Dantas. Participação: João Gabriel do Nascimento Nganga.